



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAULA, Maria Beatriz. O sentido do processo analítico na clínica reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## O SENTIDO DO PROCESSO ANALÍTICO NA CLÍNICA REICHIANA

Maria Beatriz de Paula

### RESUMO

A complexidade do processo analítico na clínica reichiana está na observação e na busca do equilíbrio dinâmico entre o conteúdo lógico, a linguagem corporal e a singularidade da expressão da energia vital da pessoa. Esta singularidade marca o ritmo de cada fase do processo terapêutico e da relação entre o paciente e o terapeuta. Nesta apresentação, através de exemplos clínicos, demonstraremos a diversidade de cada processo, a partir de um princípio de funcionamento metodológico comum, em direção a uma síntese singular.

Palavras-chave: Análise Reichiana. Caráter. Clínica Reichiana. Reich.

---

O processo analítico na clínica reichiana assume uma forma que se estende além da análise dos contextos verbais. A análise da cena e a análise da relação são exemplos da forma de atuação da análise reichiana. Assim, o processo analítico na clínica reichiana refere-se tanto à análise do caráter do paciente, descrita por Wilhelm Reich (1995) quanto à análise do caráter do analista, das relações, dos traços caracteriais nos segmentos corporais.

A abordagem dos diversos elementos da análise reichiana justifica definir-se a relação clínica como um objeto complexo com todas as singularidades do vivo, portanto, justifica definir-se a relação clínica como um sujeito complexo. Wilhelm Reich (1995) já se refere indiretamente a este tema quando diz que cada situação clínica admite somente uma solução adequada.

A complexidade do método analítico reichiano implica dois processos convergentes: a observação e a busca do equilíbrio dinâmico.

A observação, em si mesma, é um ato multifacetado porque abrange a observação das relações, do paciente, da cena terapêutica, dos traços caracteriais e inclusive a observação do próprio terapeuta.

A busca do equilíbrio dinâmico implica soluções singulares para cada uma destas interfaces ao longo do processo clínico.

O método funcional reichiano equaliza estes dois processos



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAULA, Maria Beatriz. O sentido do processo analítico na clínica reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

considerando-os como um par funcional (REICH, 1996).

No pensamento reichiano, um par implica na busca de um princípio comum de funcionamento até então encoberto à análise do observador.

A observação da situação complexa na clínica reichiana evidencia a existência de um princípio comum de funcionamento, que é a relação paciente-terapeuta, ou seja, a própria relação clínica.

O método funcional reichiano, na sua clínica, define algumas particularidades que caracterizam sua identidade.

Uma das particularidades deste método está na impossibilidade da existência de um observador neutro, inteiramente objetivo, isento de influencia subjetiva. Do ponto de vista de que a relação clínica se estabelece como um princípio comum de funcionamento, é evidente que, mesmo um observador “neutro”, influencia a relação com seus gestos, sua escuta, sua postura, sua respiração, seu olhar, seu ser, seu movimento energético.

Todo vivo pulsa, vibra, emite luz, influencia e é influenciado pelo ambiente com o qual está sempre em relação. Neste caso, o ambiente inclui o terapeuta, o paciente e a relação clínica.

Outra particularidade é a existência de um objeto neutro a ser observado. O paciente é o outro par na relação clínica, estando em contínua relação com o ambiente em que o cerca. Ele também é um ser singular que pulsa, vibra, comunica, emite luz, respira, mostra gestos característicos, uma história e um presente. Ele também está em relação contínua com o ambiente que o cerca e, na cena clínica, está em contínua relação com o observador.

Na busca do equilíbrio dinâmico a observação é mútua; o observador e o observado alternam suas posições continuamente. A figura de um objeto neutro desaparece da cena transformando-se num sujeito participante.

Um olhar para esta dinâmica evidencia uma terceira particularidade que é a natureza do eixo terapêutico na clínica reichiana. Este eixo faz o olhar deslocar-se para além da análise do paciente com seus conteúdos verbais, suas dinâmicas intrapsíquicas, para a análise das relações estabelecidas em



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAULA, Maria Beatriz. O sentido do processo analítico na clínica reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

cada encontro clínico.

A direção da observação, na relação clínica, privilegia o caminho que parte das sensações e movimentos corporais à percepção, aos pensamentos e às ações. Ela segue a linha do tempo e se orienta na trajetória do desenvolvimento humano: da concepção ao momento presente.

A relação clínica como eixo da observação permite trazer à tona todas as marcas decorrentes das relações que o sujeito viveu. As marcas mais profundas constituem os traços caracteriais e definem, junto com o temperamento, a singularidade do paciente.

Finalmente, o eixo da observação leva à definição de uma particularidade fundamental, um projeto terapêutico direcionado à adequação do paciente, a si mesmo e à sua potência.

O terapeuta maneja a relação clínica, no sentido de fornecer as melhores condições possíveis para que este objetivo se realize para o bem estar do paciente.

## REFERÊNCIAS

REICH, W. *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1995

REICH, W. *Orgonomic Functionalism: A Journal devoted to the work of Wilhelm Reich*. Rangeley: Orgonon, 1996

## AUTORA

Maria Beatriz de Paula/RJ - CRP-05/18718 - Psicóloga clínica, analista reichiana e orgonoterapeuta caracterioanalítica. Coordenadora e supervisora clínica de grupos de estudos reichianos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Professora do Curso de Especialização em Análise Reichiana no Chile, São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba.

E-mail: [centroreichiano@centroreichiano.com.br](mailto:centroreichiano@centroreichiano.com.br)